



DESDE JUNHO, A INFLAÇÃO VINHA APRESENTANDO QUEDA. EM JANEIRO, O AUMENTO FOI DE 0,67%

PREÇOS SOBEM NO DF *economia*

Flávia Filipini
Da equipe do Correio

Os brasilienses tiveram que gastar mais em janeiro para fazer suas compras. Levantamento da Federação do Comércio (Fecomércio) mostra que o aumento médio de preços no Distrito Federal entre dezembro de 1998 e o mês passado foi de 0,67%. Esse foi a primeira elevação nos últimos sete meses. Pelos dados da Fecomércio, a inflação no DF estava negativa desde junho do ano passado. Em dezembro, a deflação acumulada chegava a — 6,70%.

O aumento registrado no DF pela Fecomércio é semelhante aos constatados pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) no Rio de Janeiro (0,65%) e pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo (Fipe), em São Paulo (0,5%). É diferente, no entanto, do levantamento parcial feito pela Fecomércio no início do mês.

Na pesquisa anterior, foi constatado um aumento médio de 2,68% nos preços de quatro segmentos (supermercados, perfumarias, padarias e lojas de R\$ 1,99). A primeira pesquisa ouviu 100 empresários, enquanto desta vez se levantou o desempenho de 594 empresas, em todos os segmentos da economia local.

Para o presidente da Fecomércio, Sérgio Koffes, o índice de 0,67% que a nova apuração traz ainda pode ser considerado baixo. Isso porque, em janeiro, os fornecedores reajustaram em 4,65% os preços para os comerciantes.

Em alguns setores, como o de informática, o reajuste do atacado ao

varejo, entre dezembro e janeiro, foi de 20,45%. O repasse desse aumento para o consumidor foi de 12,73%. “É uma prova de que o comércio está tentando absorver o reajuste que recebeu do seu distribuidor”, avaliou o dirigente.

Koffes lembra também que muitos comerciantes ainda venderam em janeiro os produtos comprados para o Natal, com preços menores. Isso significa que os lojistas ainda terão que repassar — certamente, agora em fevereiro — os reajustes aplicados pelos fornecedores no mês passado.

“Com certeza, a maior parte desses reajustes será percebida na pesquisa de fevereiro. A tendência é de crescimento de preço e, conseqüentemente, de inflação. Mas os lojistas podem driblar parte de aumento”, acredita Koffes.

Na avaliação dele, os comerciantes podem segurar os preços trocando de produtos, de marcas e até de fornecedor. “Temos que comprar sempre de quem apresente o menor valor. Não podemos subir preços, porque o consumidor não tem dinheiro para pagar mais.”

VENDAS

Uma demonstração dessa falta de dinheiro foi o desempenho das ven-

das no mês passado. A queda, já esperada, em relação a dezembro foi de 17,34%. A pesquisa da federação não avalia as vendas em relação a janeiro de 1998. Mas, naquele período, a queda comparativa com dezembro foi de 16,71%. “Isso mostra que o mês passado foi pior do que janeiro de 1998.”

A falta de dinheiro no bolso do brasiliense também pôde ser constatada no crescimento da inadimplência em janeiro. Em média, 5,78% dos cheques emitidos no mês passado foram devolvidos.

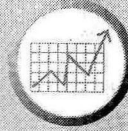
Em dezembro esse índice era de 4,14% e, em janeiro de 1998, foi de 4,81%.

Também houve acréscimo nos atrasos de pagamento: de

3,25%, em dezembro, para 5,86% em janeiro — no mesmo período em 1998, foi de 6,96%.

No mês passado, os consumidores do DF também adiaram o pagamento de suas compras. As vendas à vista caíram mais de dez pontos percentuais: de 51,64%, em dezembro, para 41,28%, em janeiro. Em contrapartida, cresceram as compras com cartão de crédito (de 8,73% para 11,30%), com cheques pré-datados (de 29% para 32,6%) e por meio de financiamentos (de 4,91% para 12,47%).

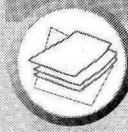
O BALANÇO DE JANEIRO



1. INFLAÇÃO

- Os preços ao consumidor subiram em média 0,67% entre dezembro de 1998 e o mês passado.
 - Os preços do fornecedor para o comerciante subiram 4,65%, em média.
- Veja o comportamento de alguns setores:

	Preço do fornecedor	Preço ao consumidor
Concessionárias	0,66%	0,00%
Farmácia e perfumaria	2,22%	2,37%
Informática	20,45%	12,73%
Livraria e papelaria	4,29%	2,25%
Lojas de Departamento	4,84%	0,00%
Móveis e Decoração	2,77%	0,34%
Material de construção	7,87%	4,38%
Produtos alimentícios	6,23%	0,60%
Supermercados	4,75%	- 2,30%
Vestuário	0,84%	- 3,57%



2. FORMAS DE PAGAMENTO

- Os pagamentos à vista diminuíram de 54,77% em dezembro para 41,28% em janeiro.
- As compras com cheques pré-datados aumentaram de 29,07% para 32,60% em janeiro.
- Os financiamentos subiram de 4,91% em dezembro para 12,47%.



3. INADIMPLÊNCIA

- A quantidade de cheques devolvidos subiu de 4,14% para 5,78%.
- Os pagamentos atrasados passaram de 3,25% para 5,86%.



4. VENDAS

- O comércio vendeu em janeiro 17,34% a menos que em dezembro passado.
- As maiores quedas foram percebidas nos segmentos de calçados (36,20%), discos (33,72%) e vestuário (32,73%).
- O único segmento que apresentou alta nas vendas foi o de livreria e papelaria: 4,59% a mais que dezembro.

OBS.: A pesquisa não apura o desempenho das vendas no mês passado em relação a janeiro de 1998. Mas, naquele mês, a redução nas compras se comparado com dezembro de 1997 foi de 16,71%. Esse dado mostra que houve diminuição das vendas no comparativo janeiro 99/janeiro 98, embora não se possa avaliar o percentual.

MEMÓRIA

COMÉRCIO JÁ SE PREPARA PARA O PIOR

O resultado das vendas no comércio do DF fortalece a expectativa de que 1999 será ainda mais difícil do que o ano passado, quando o setor viveu um de seus piores momentos. A queda nas vendas registrada em janeiro daquele ano foi insistentemente repetida — e acumulada — até outubro.

Em novembro, quando surgiram os primeiros números positivos de 1998 (só 0,05%), a queda acumulada no ano já estava em 43,2%. Em dezembro houve um acréscimo de 8,73% em relação ao mês anterior. Em contrapartida, ocorreu uma redução de 6% se comparado com o Natal de 1997.

Constatar um dezembro mais fraco que o do ano anterior foi a primeira decepção dos comerciantes este ano. Agora, o resultado das vendas em janeiro — piores que janeiro do ano passado — chega como a segunda má notícia. “O poder aquisitivo da população está caindo e o desemprego vem aumentando. Teremos um primeiro semestre mais difícil este ano”, avalia o presidente da Fecomércio.